

# 1 Introdução

*A conquista da terra, o que na maior parte significa tirá-la daqueles que têm uma fisionomia diferente ou narizes ligeiramente mais achatados do que os nossos, não é uma coisa bonita quando você olha demais para ela.*

Joseph Conrad<sup>1</sup>

A produção do texto literário está intimamente relacionada com o ambiente histórico e cultural em que se insere. Revela as questões e os pontos de vista que configuram esse lugar. Como sabemos, a literatura não é somente um artifício estético, mas, sobretudo, se encarrega de construir uma percepção histórico-cultural a partir de escolhas discursivo-ideológicas do escritor, como afirma o poeta angolano Agostinho Neto:

A história de nossa literatura é testemunha de geração de escritores que souberam, na sua época, dinamizar o processo de nossa libertação, exprimindo os anseios de nosso povo, particularmente o das suas camadas mais exploradas. A literatura angolana escrita surge, assim, não como simples necessidade estética, mas como arma de combate pela afirmação do homem angolano<sup>2</sup>.

Portanto, ao pensarmos nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa hoje, ainda verificamos traços de militância, uma vez que assumem posturas que, de uma forma ou de outra, defendem a estética como um princípio regulador de uma realidade sócio-cultural, visto que, além de levantar questionamentos, denunciam esta realidade de opressão e desmanche cultural dos países vítimas da colonização, que, de forma equivocada, foram tratados, ao longo de muitos anos, como inferiores.

Se na literatura em geral percebemos a marca da história, nas literaturas produzidas em ex-colônias portuguesas na África, nota-se uma preocupação em manter viva a tradição desses povos, onde o passado, ou seja, o período pré-colonialista, pode ser considerado uma de suas fontes mais significativas no tocante à representação sócio-cultural. Nesta mesma linha de argumentação, a crítica literária argentina Beatriz Sarlo faz a seguinte colocação:

<sup>1</sup> CONRAD, J. *O coração das trevas*, p. 13.

<sup>2</sup> NETO, A. A. apud CHAVES, R. *A formação do romance angolano*, p. 32.

a lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o passado se *faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bérson, o tempo *próprio* da lembrança é o presente: isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o *próprio*.<sup>3</sup>

Em contrapartida, quando se fala da África, pensamos nos primeiros núcleos urbanos, bem como na exploração do homem pelo homem através do tráfico de escravos para a Europa e América. Verificamos também a imensa contribuição deste contingente que, através do seu trabalho, migrou em condições desumanas, tendo gerado riqueza, construindo cidades, influenciando a arte, a cultura, a tradição e a religião por todos os lugares onde esteve. Ou seja, a fortaleza cultural desses povos ficou gravada em cada uma das culturas com as quais tiveram contato.

Numa perspectiva diversa, pensar no continente africano é lembrar da escravidão, da segregação, da miséria, dos campos de refugiados, da AIDS, entre tantos outros problemas que, de certa forma, surgiram associados à experiência europeia no continente. Ao longo do século XX, toda a África foi palco de longas lutas. Primeiramente, pela libertação das colônias e, posteriormente, pelo domínio político e econômico nos países tão recentemente independentes.

Além disto, a África, para quem a observa de um ponto distante, é ainda um espaço onde questões étnicas e raciais se radicalizam de forma tensa, uma vez que ali estão inscritas culturas e sociedades tribais diferentes, com mundividências e tradições diversas. Faz pensar num caldeirão, onde povos de formação lingüística e cultural distintas convivem no mesmo espaço geográfico, muitas vezes de forma conflituosa.

A partir da pesquisa que resultou nesta dissertação, é possível afirmar que boa parte dos conflitos internos prende-se à presença europeia na África, sobretudo a partir do século XIX, quando a África tornou-se um objeto central no projeto colonial europeu, tendo em vista que era um dispositivo fundamental para o incremento da modernidade ocidental<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, p. 10.

<sup>4</sup> Cf. MONTAURY, A. *O cotidiano pós-colonial no espaço lusófono* (no prelo).

Do ponto de vista que interessa a esta dissertação, pode-se dizer que a experiência colonial portuguesa está registrada na tradição literária que alcançou sua expressão máxima em textos do século XX, no momento em que escritores e intelectuais, a partir de diferentes focalizações, buscavam interrogá-la com veemência, visando colocar em cena parte do legado traumático que recaía sobre aquelas sociedades após a experiência colonial.

Paralelamente, em todos os territórios africanos colonizados por Portugal, as produções literárias nacionais nasciam da luta por um espaço de renegociação identitária, o que implicava uma intensa discussão acerca das condições coloniais e de suas conseqüências para o futuro e para a verdadeira autonomia política dos povos africanos. Assim, inevitavelmente, as práticas coloniais estão inscritas nas obras de algumas gerações de autores africanos de língua oficial portuguesa, processo que norteou, nas últimas décadas, reflexões de natureza histórica, política, cultural e literária<sup>5</sup>.

Angola foi colônia de Portugal de 1484 até 11 de novembro de 1975<sup>6</sup>, quando conquistou a sua independência na seqüência de uma guerra de libertação. Entretanto, essa independência não pode ser considerada o início da paz, mas o princípio de uma guerra civil entre três grupos nacionalistas: MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) e FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), que tinham combatido o Colonialismo Português e começaram a lutar entre si pelo controle do país.

Esse confronto interno arrastou-se por quase 30 anos até que, em 1992, Jonas Savimbi (líder da UNITA) concorreu às eleições para a presidência da república e, com a vitória de José Eduardo dos Santos, do MPLA, uma nova guerra interna se instaurou, inaugurando um novo período de violência em Angola, ceifando vidas e acabando por quase destruir o país.<sup>7</sup> Atualmente, percebe-se a necessidade de se afirmar a herança deixada por anos de colonialismo e guerras coloniais que, no contexto global da guerra fria, no mínimo limitou uma parcela da população; parcela esta que, para pertencer a uma lógica europeia, negou suas origens, suas tradições, seu passado, sua história, sua

---

<sup>5</sup> Cf. MONTAURY, A. *O cotidiano pós-colonial no espaço lusófono* (no prelo).

<sup>6</sup> Cf. BIRMINGHAM, D. *História de Portugal: uma perspectiva mundial da história*. p. 75

<sup>7</sup> Cf. CABRITA, F. *Massacres em África*. p. 26

memória ou, ainda, teve que aceitar uma nova contingência. Refiro-me aqui aos processos de assimilação e de subalternização, processos intrínsecos ao sistema colonial implantado pelo Estado Novo Português. Neste sentido, o pensamento pós-colonial consiste, em traços largos, em contribuir para pensar criticamente a *subalternidade* do colonizado, visando a sua inclusão no processo de cidadania. Considerando que uma das condições do subalterno é o silêncio, a fala seria uma forma de subversão da sua subalternidade. Para tornar possível essa fala, seria necessário, entretanto, um trabalho político de maior alcance que fosse além do discurso acadêmico:

Trabalhar em prol dos subalternos consiste em trazê-los para dentro do circuito da democracia parlamentar, não através da benevolência cultural, mas antes através de trabalho extra-acadêmico. Trabalhar em prol do subalterno contemporâneo significa investir tempo e capacidades para que o subalterno seja integrado na cidadania, independentemente do que esta signifique, desfazendo assim o espaço subalterno<sup>8</sup>.

Nas últimas décadas do século passado e no início deste, vários trabalhos produzidos por essa “nova esquerda” têm sido construídos nessa direção e tem marcado decisivamente a produção ficcional nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP). A recuperação dessa produção discursiva é fundamental para se pensar as novas condições de produção de conhecimento e de práticas simbólicas advindas com o pós-colonialismo<sup>9</sup>.

Recorro, portanto, a Manuel Ferreira, que, em seu artigo “Dependência e Individualidade nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”<sup>10</sup>, define o colonialismo como:

a negação da personalidade do outro. Em todos os aspectos. Para além da repressão individual, da exploração econômica, da negação do sentimento e da consciência nacionais, projeta a idéia de uma pátria outra. Ele, o colonialismo, nega e reprime a cultura autóctone e obriga à cultura metropolitana. Altera os hábitos sociais, intervém na culinária, no vestuário, no sistema agrícola, no regime de propriedade, na habitação, no sistema jurídico, na ordem social milenariamente estabelecida, impõe novos padrões de cultura e substitui a língua. O colonialismo, de caso pensado ou por força do seu sistema interno, despersonaliza o colonizado, deprime-o, destrói-lhe a imagem que ele forma do seu universo singular, coisifica-o e não

<sup>8</sup> GAYATRI, C. S. “How to teach a “Cultural Different” Book”. In: LANDRY, Donna; MAC LEAN, G. (orgs.), *The Spivak Reader. Selected Works by Gayatri Chakravorty Spivak*, p. 307.

<sup>9</sup> MONTAURY, A. *O cotidiano pós-colonial no espaço lusófono* (no prelo)

<sup>10</sup> FERREIRA, M. “Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa”. In: *Cadernos do terceiro mundo*. Ano III, n° 22 (Abril 80), p. 29.

lhe permite que ele se *torne sujeito de história*. Cria-lhe o complexo de inferioridade em relação à sua cultura, deforma-o, aniquila-o como cidadão africano.<sup>11</sup>

Em outras palavras, pode-se dizer que o processo de colonização de um povo é uma prática de negação da identidade do outro, pois, como escreve Fanon,

é uma negação sistematizada do outro, uma decisão obstinada de recusar ao outro todo atributo de humanidade, o colonialismo obriga o povo dominado a perguntar-se constantemente: quem sou eu na verdade?<sup>12</sup>.

O processo de colonização implicou a ocidentalização do imaginário e das representações do colonizado, deixando várias lacunas na trajetória histórica dos indivíduos africanos. Pode-se dizer que este processo levou muitos escritores a interrogarem e a reconstruírem, com a sua produção literária, o silêncio imposto por anos de dominação. Portanto, é neste cenário que autores como José Luandino Vieira, Manuel Rui, Pepetela, entre outros escritores e intelectuais, passaram a fazer da palavra uma arma eficiente na discussão da própria subalternidade.

As palavras (isto é, as frases, o discurso, a linguagem) têm poder sobre os homens, podem mudar as convicções, e assim os objetivos e as maneiras de agir. Uma “conversão” pode transformar a vontade e provocar ações que terão efeito. A retórica foi por muito tempo chamada a *arte de persuadir*. Minhas crenças modificadas buscam meios de agir eficazmente para “realizar! Meus objetivos: o método é a grande preocupação da inteligência.”<sup>13</sup>

Pode-se dizer que, através da literatura, estes escritores reafirmam a diversidade de línguas, de cultura e de tradição, buscando constantemente valorizar o passado como força presente e como espaço de resistência. Os autores, com a literatura, elaboram ficções que são como um devir, um acontecimento virtual, que pode constituir realidade a partir da sua fixação no imaginário<sup>14</sup>. Redescobrir o país para redesenhá-lo, como bem observou a professora Rita Chaves:

Inserido entre os cantos de uma sociedade tão dividida, o escritor acaba por se transformar num ser cortado por contradições das quais sua obra será a maior expressão. Os dilemas impostos, em diferentes tempos, serão, com efeito, recebidos

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> FANON, F. *Os condenados da terra*, p. 288.

<sup>13</sup> DÉGUY, M. “O poder das palavras”. In: *O silêncio dos Intelectuais*, p. 211.

<sup>14</sup> Cf. MONTAURY, A. *O cotidiano pós cultural no espaço lusófono* (no prelo).

e respondidos de diferentes maneiras por escritores que vão escrevendo o seu nome na história do romance em Angola.<sup>15</sup>

Nas tramas de seus livros, percebemos um entrelaçamento da história recente com os mitos do passado, onde prevalece uma preocupação crítica em relação ao passado colonial. Portanto, pode-se dizer que, de forma geral, os textos literários produzidos atualmente por escritores africanos de língua portuguesa têm, como um de seus objetivos, alargar as concepções da história e da realidade conferindo novos sentidos aos acontecimentos oficiais e expandindo o horizonte que durante o colonialismo foi limitado pelo olhar eurocêntrico. Neste sentido, a ficção interpreta o fato verídico para poder repensá-lo, relê-lo, reescrevê-lo, reconstruí-lo, para, enfim, interligá-lo a uma realidade ficcional.

Os escritores africanos, num primeiro momento, tomaram para si o papel de lutar pela libertação de seus povos ao produzir uma literatura de enfrentamento. Hoje, estes autores parecem estar mais interessados em preencher as lacunas da história, criticando os excessos da sociedade e de seus governantes num período conturbado de pós-guerra e pós-independência. Construindo um novo olhar do discurso literário, eles são capazes de pôr em diálogo o fato e a ficção, evidenciando o principal objeto de sua obra: a realidade humana.

Eu, letrado, transformo-me quando me falo e escrevo em parte oraturizado. Ser pátria assim, multilinguística e multicultural, é ser-se mais rico para a criatividade contra o nacionalismo tacanho, chauvinista, baseado quase só na raça e na língua. Numa pátria assim, sempre o real se decifra por ângulos cada vez diferentes e a própria comunicação é a multicriatividade, pelo que é essencial: o homem<sup>16</sup>.

Em entrevista publicada no livro *Angola: encontro com escritores*, de Michel Laban, o escritor Manuel Rui declara que sua preocupação ao escrever *Regresso Adiado*, objeto central desta dissertação, era o seu endereçamento: “é que o livro não era dirigido só para nós, mas muito principalmente, para ser lido por portugueses.”<sup>17</sup> Ao lermos os cinco contos reunidos neste livro, percebemos que a problemática exposta não diz respeito somente à alienação do colonizado ou à sua assimilação pela cultura do colonizador, como afirma o próprio Manuel Rui. Nesses textos, penso que as narrativas vão além e levantam questões acerca da

<sup>15</sup> CHAVES, R. *A formação do romance angolano*, p.49.

<sup>16</sup> RUI, M. “Entre mim e o nómada – a flor.” In: *Teses Angolanas*. p. 35

<sup>17</sup> LABAN, M. *Angola: encontro com escritores. Vol II – Encontro com Manuel Rui*, p. 720.

construção identitária da nação, promovendo reflexões acerca do legado deixado pelo colonizador. Em cada um dos contos nota-se a bifacialidade do colono e do colonizado, do violentador e do violentado.

Logo, nossos questionamentos estão ancorados na problemática da identidade angolana nos contextos *pré* e *pós* 75. Além disso, com estas reflexões, pretendo analisar as razões que levaram Manuel Rui a revelar, através da sua palavra poética, questões ligadas à assimilação e à identidade em *Regresso Adiado*. O objetivo desta dissertação é, assim, o de mapear o percurso literário desse escritor, que pode ser visto como um dos escritores angolanos fundamentais na atualidade, pela sua obra ter se tornado central na compreensão dos contextos literário e histórico-social do século XX em Angola.

Uma das forças mais marcantes na obra de Manuel Rui é a reconstrução da própria história vista pelo olhar do ex-colonizado. Sua escrita tem como objetivo claro a busca incessante pela afirmação da identidade autônoma e a libertação do pensamento inculcado nos colonizados pelo colonizador e do resgate das tradições esquecidas.

Para a formulação do seu projeto de escrita, o escritor enfrentou dificuldades que foram comuns à sua geração, como observou a professora Rita Chaves:

as primeiras narrativas que pontuam a história da literatura Angolana não conseguem despir-se completamente de uma visão lusa. (...) a inconsistência do angolano como personagem das narrativas é, em certa medida, referência a sua inconsistência como personagem de sua história. Desprovido do direito – mero e, ao mesmo tempo fundamental – do uso da linguagem, o colonizado é tão-somente objeto do discurso do outro. (...) o angolano precisava conquistar a sua voz para percorrer o caminho que o levaria à reconquista de sua terra, à recuperação de sua liberdade.<sup>18</sup>

Manuel Rui enfrenta esta dificuldade levantada por Rita Chaves, pois utiliza em sua obra recursos que colocam em questão os problemas vivenciados pela sociedade angolana no período de reconstrução de um novo país, de uma nova Angola, enfatizando o caráter plural da sua cultura.

Em *Regresso Adiado*, publicado pouco antes da independência angolana, o escritor interroga a condição de Angola como país colonizado e procura chamar a atenção da metrópole para o resultado da dominação portuguesa. No texto, a

---

<sup>18</sup> CHAVES, R. “O passado presente na literatura angolana”. In: *Angola e Moçambique - experiência colonial e territórios literários*, p. 73.

forma proposta por Manuel Rui mostra não somente o lado angolano, mas também as mudanças que aconteceram com os próprios colonizadores, afinal, para o escritor, há seqüelas nos dois lados. Essa idéia da *bilateralidade dos resultados* é também confirmada por Jean-Paul Sartre no prefácio escrito em 1957<sup>19</sup> para o livro de Albert Memmi, onde ele afirma que no contexto francês:

Quem é ele exatamente? Colonizador ou Colonizado? Ele diria: nem uma coisa nem outra; vocês talvez digam: uma coisa e outra; no fundo, dá no mesmo. Ele pertence a um desses grupos nativos, mas não mulçumanos, “mas ou menos favorecidos relativamente às massas colonizadas e... recusados... pelo grupo colonizador”, entretanto, “não desestimula abertamente” seus esforços para se integrar à sociedade européia. Unidos por uma solidariedade de fato ao subproletariado, separados deles por pequenos privilégios, seus membros vivem e perpétuo mal-estar. Memmi experimentou essa dupla solidariedade e essa dupla recusa: o movimento que opõe os colonos aos colonizados, os “colonos que recusam a si mesmos” aos “colonos que aceitam a si mesmos”<sup>20</sup>

Sartre, em seu prefácio, levanta questões acerca dos lugares do colonizador e do colonizado, sua aceitação na colônia ou na metrópole, os confrontos resultantes da usurpação racista, do sistema político, da desumanização do colonizado e de “uma impiedosa reciprocidade que ata o colonizador ao colonizado, seu produto e seu destino”<sup>21</sup>.

Ao mostrar situações cotidianas em Angola, Manuel Rui também levanta as dificuldades sociais, políticas e econômicas que estariam por vir e que o país teria de enfrentar. Em *Retorno Adiado*, o escritor traça o panorama destes problemas e anteviu na ficção dificuldades que se confirmaram na sociedade após a independência.

Para efeito de organização dos meus argumentos, proponho analisar os aspectos mais relevantes da colonização em Angola em três partes. A primeira levanta questionamentos gerais acerca das figuras do colonizador e do colonizado no processo de colonização, na linha do pensamento de Memmi:

A mais grave carência sofrida pelo colonizado é a de ser colocado *fora da história e fora da cidade*. A colonização lhe suprime qualquer possibilidade de participação livre tanto na guerra quanto na paz, de decisão que contribua para o destino do mundo ou para o seu, de responsabilidade histórica e social.<sup>22</sup>

<sup>19</sup> Este prefácio apareceu pela primeira vez em *Lês Temps Modernes*, n. 137-138, julho-agosto de 1957.

<sup>20</sup> MEMMI, A. *Retrato do Colonizado precedido pelo Retrato do colonizador*, p. 25-26.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 31.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 133.

De forma articulada focaliza a impotência do colonizado diante da realidade que o cerca, já que o colonizador o alijava de todo processo político, cultural e social implantado nos países colonizados, numa demonstração de sua supremacia acerca de questões identitárias desses países. Na contramão, surge uma literatura engajada, que busca resgatar os valores nacionais, assim,

se saímos do particular e alcançamos o geral, ou seja, o conjunto da literatura de Angola, reconhecemos que a formação da identidade nacional é, na realidade, uma das linhas de força da consecução desse sistema literário. Com décadas de diferença, os escritores angolanos passam pela experiência que viveram os nossos românticos e, de maneira diferenciada, os nossos modernistas reviveram: fazer uma literatura que interviesse no processo de definição do país.<sup>23</sup>

A segunda parte da dissertação se estrutura no panorama crítico da literatura angolana, a partir de dados levantados sobre o movimento “Vamos Descobrir Angola”, que acreditamos ter sido o chão fértil para desabrocharem escritores como Manuel Rui. Rita Chaves analisou este movimento cultural, tendo elaborado uma breve genealogia para ele:

O movimento deveria retomar, mas sobretudo com outros métodos, o espírito combativo dos escritores dos fins do século XIX e dos princípios do actual. Esse movimento combatia o respeito exagerado pelos valores culturais do ocidente (muitos dos quais caducos); incitava os jovens a redescobrir Angola em todos os seus aspectos através dum trabalho colectivo organizado; exortava a produzir-se para o povo; solicitava-se o estudo das modernas correntes culturais estrangeiras, mas com o fim de repensar e nacionalizar as suas criações positivas e válidas exigia a expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana, mas sem que se fizesse nenhuma concessão à sede de exotismo colonialista. Tudo deveria basear-se no censo estético, na inteligência, na vontade e na razão africanas.<sup>24</sup>

A terceira parte do trabalho será dedicada à análise de três dos cinco contos de *Regresso Adiado*, buscando estabelecer um diálogo entre a obra literária e o arcabouço teórico que buscaremos nos pensamentos de Albert Memmi, Boaventura de Souza Santos, Rita Chaves, Benjamin Abdala Jr., entre outros.

Como em tantos outros lugares, as “estórias” contadas pelos mais velhos, conforme declara Manuel Rui, cumpriam o papel de transmitir a sabedoria e humanizar o reino das relações que os outros elementos completavam. Trazida

<sup>23</sup> CHAVES, R. *Angola e Moçambique. Experiência Colonial e Territórios Literários*, p. 86.

<sup>24</sup> ANDRADE, M. P. *Antologia temática de poesia africana: na noite grávida de punhais*. p.231

com os tiros, a escrita corresponde a uma espécie de ruptura que será convertida em nova forma de sentir e de dizer. Transformando-se em maneira de presentificar experiências e organizar o real, a palavra vai sendo trabalhada no sentido de preencher o vazio entre o homem e o mundo, agora redimensionado, nessa nova etapa do processo civilizatório. Violenta e irreversível a quebra se deu; mais tarde, caberia à literatura ali produzida a tarefa de rejuntar pedaços para a composição de uma outra ordem.<sup>25</sup>

Para ilustrar a importância da palavra no preenchimento dos vazios deixados na narrativa da história da colonização em Angola, utilizarei o poema de Manuel Rui inserido no livro *Poesia sem notícias*, de 1967.

De palavras novas também se faz país  
neste país tão feito de poemas  
que a produção e tudo a semear  
terá de ser cantado noutra ciclo.

É fértil este tempo de palavras  
em busca do poema  
que foge na curva das palavras  
usadamente soltas e antigas  
distantes das verdades dos rios  
do quente necessário das brasas  
do latejar silencioso das sementes  
dentro da terra  
quando chove.

Proponho um verso novo  
para as laranjas (por exemplo) matinais  
e os namorados  
com que havemos de encher todos os dias  
os mercados.

Proponho um verso novo  
para as guelras do peixe sem contar  
para a abundância da carne  
e a liberdade das aves desenhada  
no amor das escolas  
dos campos  
e das fábricas.

Proponho um verso novo  
para o leite obrigatório em cada dia  
e a medalha olímpica  
que o riso das crianças já promete.

---

<sup>25</sup> CHAVES, R. *A formação do romance angolano*, p. 20.

Proponho um verso novo  
para o milho a mandioca suculenta  
o amadurecido cacho de dendém<sup>26</sup>  
alegre na fatura dos dedos  
e das bocas.

Produzir na palavra  
É semear e colher  
É cumprir na escrita  
A produção.

Produzir na palavra  
É cantar no poema  
Todas as raízes  
Deste chão.

Neste poema, Manuel Rui exalta a força das palavras, mostrando-as como um signo capaz de reconstruir um país, transformar o futuro da nação, promover mudanças. Para finalizar, lembro-me do memorável encontro que tive em 2007 com o escritor, que resultou na entrevista que se encontra em anexo. Aproveitamos para ressaltar que não temos a intenção de esgotar as possibilidades de leitura da obra *Regresso Adiado*, de Manuel Rui, mas sim deixar nossa contribuição para os estudos que vêm sendo efetuados sobre a produção literária deste autor.

---

<sup>26</sup> Forma utilizada em Angola para a palavra “dendê”, ou seja, o fruto do dendezeiro. Em Moçambique, também utiliza-se este formato. Referência retirada do Dicionário Eletrônico Aurélio, versão século XXI.